

POR QUE ADORAR A
DEUS QUANDO TUDO
ESTÁ DANDO ERRADO?
UMA ANÁLISE DE
MALAQUIAS 1:1-14

WHY WORSHIP GOD WHEN EVERYTHING IS GOING WRONG? AN
ANÁLISIS OF MALACHI 1:1-14

¿POR QUÉ ADORAR A DIOS CUANDO TODO VA MAL? UN ANÁLISIS DE
MALAQUÍAS 1:1-14

RESUMO

O livro de Malaquias, do Antigo Testamento, apresenta uma mensagem profética impactante e desafiadora para o povo de Israel. Malaquias surge como uma voz divina confrontadora e consoladora, buscando reavivar a fé, denunciar injustiças e corrupção, e renovar a esperança nas promessas de Deus. O artigo acadêmico aborda o contexto histórico e a mensagem divina do livro. Inicialmente, discute-se a identidade do profeta e se “Malaquias” é um título, pseudônimo ou nome próprio. Em seguida, são explorados o contexto histórico de opressão estrangeira, decadência espiritual, injustiça social e falta de fé do povo. O livro revela uma mensagem poderosa, com audiências divinas que confrontam o povo com afirmações, interrogações e revogações, buscando despertar consciência e mudança. As audiências abordam práticas religiosas vazias, negligência no culto, injustiça social e falta de temor a Deus. Destaca-se a importância da mensagem solene de Deus em Malaquias 1.1, proclamando amor incondicional pelo povo de Israel, apesar de suas dúvidas e questionamentos. Ao estudar Malaquias, o leitor é desafiado a refletir sobre sua fé, devoção e a relevância dessas mensagens proféticas atualmente. O objetivo é fortalecer a relação com o Criador, compreender o valor do amor divino e ser inspirado a viver uma vida de justiça, fidelidade e adoração verdadeira.

Palavras-chave: Malaquias. Profecia. Contexto histórico. Mensagem divina.

¹ Mestre em Teologia pela FABAPAR. Professor na FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: paulo.pedrao.fgv@gmail.com

INTRODUÇÃO

O livro de Malaquias, no Antigo Testamento, apresenta uma mensagem profética impactante e desafiadora para o povo de Israel. Com uma identidade misteriosa e um contexto histórico marcado pela desilusão e pela decadência espiritual, o profeta Malaquias surge como uma voz divina de confronto e consolo. Seu objetivo é reavivar a fé em Israel, denunciar a injustiça e corrupção, e renovar a esperança do povo nas promessas de Deus.

Neste artigo acadêmico, serão explorados o contexto histórico e a mensagem de Deus, que é tanto uma declaração de amor quanto uma sentença. Inicialmente, analisaremos as discussões acerca da identidade do profeta, examinando se “Malaquias” é um título, pseudônimo ou nome próprio. Em seguida, será abordado o contexto histórico em que Malaquias ministrou, destacando a opressão estrangeira, a frieza espiritual, a injustiça social e a falta de fé do povo.

Em meio a esse cenário desafiador, o livro de Malaquias revela uma mensagem poderosa, permeada por uma série de audiências divinas. Será examinado o estilo dialético adotado pelo profeta, em que Deus confronta o povo com afirmações, interrogações e revogações, visando a despertar a consciência e a mudança de atitude. Essas audiências abordam especialmente as práticas religiosas vazias, a negligência no culto, a injustiça social e a falta de temor a Deus.

Por fim, destaca-se a importância da mensagem solene de Deus em Malaquias 1.1, em que ele proclama seu amor pelo povo de Israel, mesmo diante de suas dúvidas e questionamentos. Será analisado a carga pesada que acompanha essa sentença divina e a declaração impactante de amor incondicional por parte de Deus. Embora haja outros assuntos que poderiam ser explorados até o versículo 14, optou-se, neste artigo, por concentrar esforços em torno da relação entre o culto a Deus e seu amor por seu povo.

Ao estudar o livro de Malaquias, o leitor é desafiado a refletir sobre sua própria fé e devoção a Deus, bem como a compreender a relevância dessas mensagens proféticas para a atualidade. Por meio desse estudo, será possível ao leitor fortalecer sua relação com o Criador, compreender o valor do amor divino e ser inspirado a viver uma vida de justiça, fidelidade e adoração verdadeira.

1 O MENSAGEIRO E O CONTEXTO HISTÓRICO

Malakhyâh (mensageiro do Senhor), muitos estudiosos concordam que a tradução mais adequada de Malaquias 1.1 seria: “A Palavra do Senhor a Israel, por intermédio de meu mensageiro”. Há outros que significam a mesma coisa, como “mensageiro de Yawhveh” (Lopes, 2012, p.14) ou “mensageiro de (Senhor)” (NAA, 2018, p.1644).

Contudo, Malaquias é um título, pseudônimo ou seira um nome próprio? Lopes (2012, p.14) argumenta que as razões para se pensar ser um título são que nada se sabe sobre um profeta chamado Malaquias e que o significado de Malaquias, em 3.1, refere-se ao mensageiro de Deus que haveria de vir. Coelho Filho (1988, p.18) e Baldwin (1983, p.177) apontam outros argumentos, como o fato de que Malaquias não aparece em outro lugar no Velho Testamento e a ausência de identificação paterna (Malaquias, filho de ...), como acontece em Isaías 1.1, Jeremias 1.1, Ezequiel 1.3 e Oséias 1.1, dentre outros.

Além desses apontamentos, vale ressaltar que a Septuaginta traduz Malaquias por angelou autou, “meu anjo” Coelho Filho, 1988, p.18). Orígenes, seguindo essa tradução, defendeu a tese de que Malaquias era um anjo de Deus, trazendo uma mensagem de Deus para o povo (Deane; Prout, 1978, p. iii). Jerônimo (Robinson, 1984, p.133) e Calvino (Calvin, 1849, p. 459) defenderam a tese de que Malaquias era um pseudônimo de Esdras (Coelho Filho, 1988, p. 19). “A noção que Malaquias é apenas um nome

oficial é encontrada em muitos Pais da Igreja e tem sido vigorosamente defendida em tempos mais recentes”. (Keil, 1978, p. 423).

Lopes (2012, p.14), entretanto, afirma que essas razões não são fortes o suficiente para “sobrepular o fato de que todos os livros proféticos foram escritos por profetas cujo nome está claramente identificado no início de seu livro”. Seguindo a mesma linha, Lopes (2006, p. 15) ainda aponta que tanto Obadias quanto Habacuque não têm suas genealogias descritas. Baldwin (1983, p. 177) arremata afirmando que a tradição de que Malaquias seja um nome próprio é forte e que enquanto não houver argumentos convincentes contrários, é lógico acreditar que o profeta se chamava Malaquias, que, por sinal, é a posição deste presente trabalho.

O ministério de Malaquias teve lugar aproximadamente cem anos após o édito de Ciro, em 538 a.C., que marcou o fim do cativeiro babilônico e permitiu que os judeus retornassem à sua terra para reconstruir o templo (2 Cr 36.23). Cerca de oitenta anos depois desse acontecimento, Ageu e Zacarias incentivaram a reconstrução do templo, trazendo promessas de bênçãos divinas e anúncios de união entre as nações, prosperidade, expansão, paz e o retorno glorioso de Deus (Ag 2; Zc 1.16-17; 2.1-13; 8.1-9.17).

Lopes (2012, p.12) aponta também para as grandes promessas que haviam sido feitas por Isaías, Ezequiel e Jeremias, sobre as quais os judeus pensavam ter chegado o tempo do cumprimento. Contudo, era um período desafiador para o povo de Deus, que “teve de viver mais por fé do que por vista” (NAA, 2018, p.1645). Baldwin (1983, p.176) aponta para o fato de que Malaquias viveu em um tempo de espera, no qual nada acontecia e Deus parecia ter esquecido de seu povo. O desânimo, então, apareceu acompanhado de lapsos morais (Dillard; Longman III, 2006, p.418).

Para os contemporâneos desiludidos de Malaquias, essas previsões podem ter parecido uma zombaria cruel. Em contraste com as promessas brilhantes, a dura realidade era de privação econômica, seca prolongada, fracasso da colheita e pestilência (Ml 3.10ss.). (NAA, 2018, p.1645).

Durante esse tempo, Israel estava sob o domínio persa, e embora eles tivessem permissão para retornar à sua terra natal, eles ainda estavam sujeitos à opressão estrangeira. Além disso, o povo de Israel estava lutando para se manter fiel ao Senhor, mergulhando em práticas religiosas vazias, desonestidade, casamentos mistos e negligência de suas responsabilidades para com Deus. Coelho Filho (1988, p.20), ao descrever o período, aponta para a frieza espiritual, culto insincero, rituais sem vida e um culto que desagrada a Deus.

O contexto social e religioso em que Malaquias viveu estava repleto de injustiça e corrupção. Havia uma divisão clara entre os ricos e os pobres, com os poderosos explorando os menos privilegiados. O sistema sacerdotal estava em declínio, com líderes religiosos negligenciando suas responsabilidades e oferecendo sacrifícios imperfeitos no templo. Além disso, o povo questionava a justiça de Deus, pois não viam sinais imediatos de punição para os ímpios ou recompensas para os justos.

Diante de tudo isso, o povo começou a desanimar. Lopes (2012, p.13) argumenta que paulatinamente o amor pelas coisas de Deus foi diminuindo até que o povo foi se dispersando em busca de seus próprios interesses. Stanley Ellisen faz uma síntese da decadência denunciada por Malaquias:

Conforme indicação de Malaquias, havia fortes sintomas de degeneração na fé que Israel tinha. Sua visão de Deus era quase deísta: Questionavam seu amor (1.2), Sua honra e grandeza (1.14;2.2), Sua justiça (2.17) e Seu caráter (3.13-15). Essa visão deficiente a respeito de Deus produziu uma atitude arrogante e fez que as funções do templo fossem realizadas com enfado, o que insultava o Senhor ao invés de adorá-Lo (1.7-10; 3.14). [...] O resultado moral dessa religião desprezível foi o povo voltar-se para a feitiçaria, adultério, perjúrio, fraude e opressão do pobre (3.5). A discórdia familiar era frequente, levando-os a se divorciarem das esposas judias para se casarem com mulheres pagãs (2.10-14; 4.6). As condições eram tão más que se fazia necessária a atuação de um Elias para restaurar a paz familiar e evitar outra destruição do Senhor. (Ellisen, 1991, p.346-347).

Nesse ambiente desafiador, Malaquias surgiu como uma voz de confronto e consolo. Ele proclamou a justiça de Deus, alertou sobre as consequências da desobediência e renovou a esperança do povo, lembrando-os das promessas divinas de restauração e redenção. “Sua preocupação é manter acesa a fé em Israel”. (Baldwin, 1983, p.182).

2 A MENSAGENS DE MALAQUIAS 1,1-14

Ellisen (1991, p.346) afirma que o estilo dialético de Malaquias é um tanto singular entre os profetas, pois a maioria preferiu um estilo de conferência ou narrativa, enquanto Malaquias usou um estilo de confronto poderoso, como se Deus estivesse chamando o seu povo para um “debate” (Dillard; Longman III, 1988, p.420), uma “audiência divina” (Lopes, 2006, p.17). Nessa audiência ocorrem três expedientes: afirmação, interrogação e revogação.

Para Lopes (2006, p.17) essa audiência é apresentada oito vezes (1.2; 1.6; 1.7; 2.14; 2.17; 3.7; 3.8; 3.13), Baldwin (1983, p.183) aponta sete vezes (1.2-5; 1.6-2.9; 2.10-16; 2.17-3.5; 3.6-12; 3.13-4.3; 4.4-6) e Lopes (2012, p.17) também aponta sete vezes (1.1-5; 1.6-14; 2.1-9; 2.10-16; 2.17-3.1-6; 3.7-12; 3.13-4.1-6). Independentemente da forma com que determinado autor ou leitor irá analisar as audiências presentes no livro de Malaquias, é importantíssimo compreender que “cada uma delas trata do culto, embora enfocando diferentes aspectos relacionados à situação do povo” (Lopes, 2012, p.16).

Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel, por meio de Malaquias. O Senhor diz: — Eu sempre os amei. Mas vocês perguntam: — Como é que nos amaste? E o Senhor responde: — Esaú era irmão de Jacó, mas eu amei Jacó e desprezei Esaú. Fiz dos montes de Edom uma desolação e dei a sua herança aos chacais do deserto. Se Edom disser: “Fomos destruídos, mas vamos reconstruir o que está em ruínas,”

o Senhor dos Exércitos responderá: “Eles podem até reconstruir, mas eu vou derrubar outra vez. E a terra deles será chamada de ‘Terra Da Maldade’ e ‘Povo Contra Quem O Senhor Está Irado Para Sempre.’ Vocês verão isso com os seus olhos e dirão: — O Senhor é grande também fora das fronteiras de Israel. (Malaquias 1.1-5).

Primeiramente é importante analisar a mensagem solene de Deus em (Ml 1.1): “Sentença pronunciada pelo Senhor”. Lopes (2006, p.18) vai afirmar que a mensagem de Malaquias representa uma sentença, um fardo, um peso. “Não é uma mensagem consoladora, mas de profundo confronto e censura”. Baldwin (1983, p.184) afirma que a palavra “sentença” vem do hebraico *maśśā*, também aparece em Zacarias 9.1 e 12.1 e que, no texto em questão, significa “sentença de” ou “oráculo de”. Além disso, “ela vem da raiz *nāsā*, que significa ‘erguer’, ‘carregar uma carga’, e por isso algumas versões traduzem ‘a carga da palavra do Senhor’”. (Baldwin, 1983, p.133).

Lopes afirma que o termo “sentença”, no hebraico, significa “peso” e que essa é uma palavra usada no Antigo Testamento para se referir aos oráculos dos profetas. “O texto diz literalmente peso de Deus contra Israel, ou seja, faz referência ao fato de que sua mensagem é uma palavra pesada” (Lopes, 2012, p. 20). Assim, pode-se inferir que a carga que pesava que pesava sobre o profeta devia pesar também sobre a consciência das pessoas, até que se preparassem para “aquele dia” (Baldwin, 1983, p. 184).

Em segundo lugar, é digno de nota considerar que embora a mensagem de Malaquias seja um peso, ela inicia com uma declaração de amor de Deus (Ml 1.2): “Eu sempre os amei”. Lopes aponta que o termo “amei” em hebraico usado pelo profeta “traz a ideia de que Deus não somente amou um dia, mas continua amando seu povo (Lopes, 2012, p.22).

Que declaração estupenda! Apenas quatro palavras, mas que impacto causam! Nenhum outro livro da Bíblia começa de forma tão expressiva, com Deus anunciando de maneira tão enfática o seu amor pelo povo. Toda a argumentação do livro está dependendo desta expressão. Iavé é o Deus que amou o seu povo. (Coelho Filho, 1988, p. 23).

Malaquias inicia sua mensagem ao defender a verdade do amor seletivo de Deus por Israel, um amor que requer uma obediência firme à aliança e uma adoração sincera como resposta adequada. No entanto, em vez disso, o povo estava desrespeitando a Deus com ofertas inadequadas e praticando uma adoração hipócrita e formalista. (NAA, 2018, p.1645). Esse desrespeito pode ser visto em (Ml 1.2) quando o povo questiona esse amor declarado. Feinberg (1996, p.331) afirma que a raiz de todos os pecados de Israel era sua falta de consciência do amor de Deus.

Lopes (2006, p.22-23) destaca duas atitudes do povo em relação ao amor de Deus: insensibilidade e ingratidão. A raiz do pecado do povo é a insensibilidade ao amor de Deus e a sua própria fraqueza (Moore, 1960, p.110). Por causa de seus pecados eles foram castigados e levados ao cativeiro, mas não viram na disciplina um gesto de amor, pelo contrário, sentiram-se injustiçados. Ingratidão, porque o povo que voltou do cativeiro esperava a prosperidade material como recompensa pela sua obediência em voltar (Pape, 1983, p.128). Assim, o povo estava valorizando as coisas materiais em detrimento das bênçãos espirituais.

Infelizmente essa postura não está restrita ao povo daquela época, uma vez que no decorrer da História, as pessoas têm procurado medir o amor de Deus por meio de bens materiais, de sua situação financeira ou do conforto que têm ou deixam de ter (Lopes, 2012, p.22). Baldwin (1983, p.185) aponta não apenas para a incredulidade do povo, mas também para o cinismo escancarado. O povo não compreendia o amor de Deus. Essa não compreensão pode levar o cristão a viver uma vida que deixa a desejar e a ter um testemunho claudicante.

Contudo, Deus não permite sua afirmação ficar no vazio, sem apresentar evidências do que afirma. “Seu amor pode ser comprovado na história” (Coelho Filho, 1988, p. 24). Lopes (2012, p. 25-26) destaca três pontos acerca da resposta de Deus. Em primeiro lugar, com relação a Deus afirmar que amou Jacó, o cristão precisa refletir e ponderar pertencer a Deus é não apenas sinal de que Ele o escolheu previamente, mas razão o suficiente para adorá-lo.

Em segundo lugar, se Deus ama o cristão é porque não o rejeitou, não o desprezou para sempre. Coelho Filho (1988, p. 26-27) aponta que Deus amou tanto Jacó quanto Esaú, mas amou mais, muito mais, a Jacó. Deus tinha prazer em amá-lo (Dt 10.15). Baldwin argumenta que não se trata de hostilidade contra Esaú, mas este e seus descendentes, “alimentando ressentimentos e mostrando hostilidades contra Jacó, atraíram o julgamento de Deus sobre si” (Baldwin, 1983, p.186).

Em (Ml 1.3), Deus se refere a um episódio ocorrido alguns séculos antes, no qual os descendentes de Esaú, os edomitas, foram forçados a sair de seu lugar de refúgio e fugir para o norte do Neguebe, como castigo de Deus. Fica o contraste: por um lado, Deus estava trazendo Israel de volta para sua terra e, por outro, tinha expulsado os descendentes de Edom da terra deles.

Terceiro, Deus diz que está irado para sempre contra aquele povo. “Eles podem até reconstruir, mas eu vou derrubar outra vez. E a terra deles será chamada de ‘Terra Da Maldade’ e ‘Povo Contra Quem O Senhor Está Irado Para Sempre’” (Ml 1:4). A prova do amor de Deus é que Israel não fazia parte desse povo contra quem Deus resolveu irar-se para sempre. O texto mostra que Deus é soberano não apenas sobre seu povo, mas também sobre quem não é.

A escolha Jacó e a rejeição de Esaú é a resposta que Deus oferece aos contestadores do seu amor. Não é um amor apenas de palavras. É um amor de fatos. Está enraizado na história. Iavé faz um apelo à experiência passada do povo. O apelo não é uma experiência mística, de sentido espiritual. É um apelo à experiência histórica. O amor de Deus pode ser provado. (Coelho Filho, 1988, p.25).

Contudo, na prática, o que se pode observar é como Deus é desprezado. No versículo 6 Deus questiona o povo: “Se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo?” Dessa forma, o que deveria ser questionado não era o amor de Deus por Israel,

mas o amor de Israel por Deus. A partir do versículo 10, Deus vai mais longe em sua fala e afirma que não apenas seria melhor que o templo fosse fechado, mas também que outras nações engrandecem seu santo nome enquanto seu povo escolhido o menospreza.

Quem dera houvesse entre vocês alguém que fechasse as portas do templo, para que não acendessem em vão o fogo do meu altar! Eu não tenho prazer em vocês, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei as suas ofertas. Mas, desde o nascente do sol até o poente, é grande o meu nome entre as nações. Em todos os lugares lhe é queimado incenso e são trazidas ofertas puras, porque é grande o meu nome entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos. Mas vocês estão profanando o meu nome, quando pensam que a mesa do Senhor é impura, e que a comida que é oferecida sobre ela pode ser desprezada. (Malaquias 1.10-12).

Por duas vezes, nos versículos 11 e 14, Deus diz “o meu nome é grande entre as nações”. Deus era, e sempre será, digno de honra, mas o povo não o tratava como se fosse. Lopes (2012, p.35) afirma que “Deus tem zelo por seu nome, sua glória e sua reputação. As circunstâncias da vida, por mais desafiadoras que possam ser, não podem servir de justificativa para o povo de Deus negligenciar o culto, a adoração e a honra a Deus. Lopes (2006, p.37), vai dizer que os cristãos pecam contra Deus pela maneira irreverente, superficial e leviana com que o cultuam. Malaquias é enfático ao afirmar que Deus prefere a igreja fechada a um culto hipócrita.

Se Israel direcionasse seu olhar ao seu entorno, teria um maior conhecimento do amor de Deus e testemunharia a maravilhosa maneira como Ele os abençoou, em contraste com as experiências vividas por outras nações. Assim, a atitude que Deus espera de seu povo não é que o questionem cinicamente a respeito de seu amor quando passam por tempos difíceis. O culto ideal a Deus pressupõe pessoas submissas a ele mesmo quando passam por toda sorte de dificuldades, infortúnios e mazelas, ou seja, não devem depender das circunstâncias. A seguir, será observado como a Teologia da Prosperidade corrompe a doutrina cristã.

3 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E O CULTO A DEUS

A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos durante as décadas de 1930 e 1940, mas só se desenvolveu a partir dos anos 1970. O principal motivo para a disseminação dessa doutrina foi a aceitação de visões, revelações e orientações espirituais além da Bíblia, uma tendência que continua até hoje (Pieratt, 1996, p. 21).

Embora tenha sido fundada por Essek William Kenyon (1867-1948), foi apenas com Kenneth Hagin (1917-2013) que a doutrina da Prosperidade ganhou destaque e se tornou um dos maiores movimentos no mundo evangélico atualmente. (Kunz; Maurilio, 2018, p. 14)

De acordo com Pieratt (1996, p. 13), algumas igrejas no Brasil estão enfrentando diversos problemas em áreas eclesiais, como interpretação bíblica, doutrinária, teológica e social, como pobreza, analfabetismo e corrupção política, o que as deixa vulneráveis. Além disso, a falta de pregação expositiva e uma postura firme em defesa da ortodoxia faz com que tanto igrejas tradicionais quanto pentecostais sejam influenciadas por novas doutrinas.

Um dos ensinamentos da Teologia da Prosperidade, por exemplo, é uma nova interpretação do Evangelho, enfatizando mais a resolução de problemas em todas as áreas da vida do que as boas novas, como o perdão dos pecados, o arrependimento, a cruz e a salvação em Cristo Jesus. Esse movimento tem sido chamado de “Palavra da Fé, Ensino da Fé, Confissão Positiva, Evangelho da Prosperidade” (Pieratt, 1996, p.13).

Vale ressaltar a Confissão Positiva, que é dividida em cinco condições. A primeira condição é ter “conhecimento dos nossos direitos.” Hagin ([s.d.]

b, p. 30) afirmava que os cristãos que continuam sofrendo problemas na vida, após a conversão, negligenciam o fato de desconhecerem seus direitos. Segundo ele (2002, p. 53-54), “o cristão não precisa esperar pelo céu para desfrutar dos seus direitos e privilégios em Cristo, mas pode desfrutá-los aqui e agora nesta Terra”.

A segunda condição para prosperar é ter “fé firme”. Hagin afirmava que a forma mais eficaz de orar é reivindicando seus direitos. Ele ensinava que o cristão deve exigir seus direitos na oração. Usando o exemplo de Pedro em Atos (3.6), onde Pedro não orou pelo aleijado, mas ordenou sua cura, Hagin afirma que a oração deve ser direcionada a Deus como uma exigência, não um pedido. (Hagin, 2005, p. 100).

Segundo Pieratt, a terceira condição para alcançar prosperidade é utilizar o “nome de Jesus”. Hagin ensinava que simplesmente compreender e exigir os direitos de Deus não era suficiente para os cristãos, eles precisavam invocar o “nome de Jesus”. Esse nome ativaria as forças espirituais nas esferas celestiais (Pieratt, 1996, p. 74). Jesus, portanto, não é apenas o nome supremo, mas considerado como uma espécie de “palavra mágica” para concretizar os pedidos.

Conforme Pieratt (1996, p. 78), a quarta condição para prosperar seria “evitar a dúvida”. Segundo Romeiro, de acordo com a Teologia da Prosperidade, se os cristãos enfrentam problemas em qualquer área de suas vidas, é porque lhes falta fé. Ser pobre ou doente, portanto, são considerados sinais de derrota, pecado ou fé limitada. A marca de um “verdadeiro” cristão consiste em ser cheio de fé, bem-sucedido e desfrutar de saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material (Romeiro, 2007, p. 19).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade promete soluções para desemprego, dificuldades financeiras, problemas de saúde mental, solidão, casamentos arruinados, questões sexuais e doenças como AIDS, câncer, dores nas costas, enxaquecas, insônia e outros. Essa proposta atrai um grande número de pessoas que enfrentam essas dificuldades. Ela fun-

ciona como uma barganha, onde os fiéis devem ofertar para receber as bênçãos necessárias. “Dessa forma, em pouco tempo, usando esse tipo de ensinamento, igrejas grandes são formadas, afinal, quem não gostaria de resolver seus problemas imediatamente?” (Pieratt, 1996, p. 17-18).

A quinta condição para prosperar seria “confessar em voz alta” - atualmente, isso é feito nas igrejas como “eu declaro”. Hagin ensinava que, para receber saúde e prosperidade como um direito, bastava confessar/ declarar em voz alta que já haviam obtido o que desejavam. Portanto, os cristãos devem sempre agir e falar como se seus pedidos já tivessem sido atendidos, mesmo que isso não pareça verdade (Hagin, 1987, p. 31, 95-99).

Dessa forma, a Teologia da Prosperidade pode ser dividida em três aspectos principais: o foco principal diante de Deus é a busca por riqueza financeira e saúde física; os meios para alcançar esses objetivos são a fé, palavras positivas e a negociação com Deus por meio de dízimos e ofertas; e os pregadores são vistos como autoridades ungidas por Deus e inquestionáveis diante dos seres humanos.

Ao longo de Malaquias, Deus expressa sua indignação com a adoração negligente e a injustiça social que prevaleciam entre o povo, destacando a importância de adorá-lo com reverência, temor e independentemente das circunstâncias. Esse paralelo com a teologia da prosperidade se torna evidente quando consideramos que Malaquias não enfatiza a obtenção de bênçãos materiais como resultado de uma fé inabalável. Pelo contrário, a mensagem de Malaquias ressalta a importância de um coração sincero, adoração verdadeira e obediência aos mandamentos de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor de Deus é evidente no livro de Malaquias, apesar das circunstâncias desafiadoras enfrentadas pelo povo. Por meio das palavras do profeta, Deus revela Seu amor contínuo e incondicional pelo seu povo. Essa mensagem de amor deveria levar o cristão a refletir sobre a natureza do amor divino em sua própria vida e a reconhecer a importância de permanecer firme em sua fé, mesmo em meio às dificuldades.

O livro de Malaquias também traz questionamentos acerca da resposta ao amor de Deus. O povo de Israel questionou o amor de Deus, perguntando: “Como é que nos amaste?” (Malaquias 1.2). Essa pergunta desafia os cristãos a examinar se também duvidam do amor de Deus em suas próprias vidas. É preciso refletir sobre como os cristãos têm respondido ao amor de Deus e se estão vivendo em plena confiança e gratidão por Seu amor constante.

Por fim, o livro de Malaquias nos convida a renovar nossa esperança nas promessas de Deus. Embora o povo de Israel estivesse enfrentando dificuldades e desânimo, o profeta Malaquias trouxe palavras de encorajamento e promessas de restauração. Da mesma forma, o cristão pode encontrar esperança nas promessas de Deus em meio às adversidades que enfrenta em vez de ceder a falsos ensinamentos e heresias, como a Teologia da Prosperidade, para barganhar bênçãos com Deus e viver uma fé condicionada às circunstâncias.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, J. G. **Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário Bíblico**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1986.

Bíblia de Estudo NAA. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

CALVIN, John. **Twelve minor prophets**. Edinburgh, 1849.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Malaquias, Nosso Contemporâneo: Um Estudo Contextualizado do Livro de Malaquias**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1988.

DEANE, W. J.; PROUT, E. S. **The pulpit commentary – Malachi**. Vol. 14. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

ELLISEN, Stanley. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1991.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. São Paulo: Editora Vida, 1996.

HAGIN, Kenneth. **O que fazer quando a fé parece ser fraca e a vitória perdida**. Rio de Janeiro: Graça, 1987.

HAGIN, Kenneth. **Compreendendo como combater o bom combate da fé**. Rio de Janeiro: Graça, 2002.

HAGIN, Kenneth. **A oração que prevalece para a paz**. Rio de Janeiro: Graça, 2005.

HAGIN, Kenneth. **O nome de Jesus**. Rio de Janeiro: Graça, [s.d.]b.

KEIL, C. F. **Commentary on the Old Testament – Minor Prophets.** Vol. X. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

KUNZ, Marivete Z.; MAURILIO, Gabriel. As origens norte-americanas da teologia da prosperidade, seus ensinamentos e sua influência no contexto brasileiro. **Via Teológica**, v.19, n.37, p. 11 – 52, jun/2018.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O culto segundo Deus: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje.** São Paulo: Vida Nova, 2012.

LOPES, Hernandes Dias. **Malaquias: a igreja no tribunal de Deus.** São Paulo: Hagnos, 2006.

MOORE, Thomas V. **A commentary on Haggai and Malachi.** New York: The Banner of Truth Trust, 1960.

PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje.** São Paulo: ABU, 1983.

PIERATT, Alan. **O evangelho da prosperidade.** Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1996.

ROBINSON, George L. **Los doce profetas menores.** Nova York: Casa Bautista de Publicaciones, 1984.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade.** 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.